

Escatologia cósmica

O Eterno planejou e realizou seu plano de salvação para o homem. Basicamente, o plano de salvação é um plano de retorno para casa para o homem perdido e de redenção para toda a criação. Haverá um momento no qual o Eterno lavar a criação do pecado e dos efeitos do pecado. A visão do homem de Deus nos assegura que olhando para a consumação dos tempos ele viu novos céus e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra já haviam passado (Ap 21.1). Quando olhamos para esses eventos estamos em uma área da escatologia que olha para a consumação dos tempos pela perspectiva da criação como um todo e não apenas do indivíduo. É a chamada escatologia cósmica.¹

Na antiguidade, especialmente para os gregos antigos, acreditava-se que a história seguia de forma cíclica e que o universo era eterno. Era impossível, portanto, nessa visão de mundo levantar questões acerca da criação do mundo ou do seu início e igualmente acerca de um propósito na história ou consumação dos tempos. Contudo, a visão de mundo da fé judaico-cristã afirma que a história não é cíclica mas linear: ela se desenrola de forma a ter um início, um meio e um fim.²

Dessa forma, na perspectiva cristã o início é a criação, o meio é a história se desenrolando após a queda do homem e o “fim” é o conjunto de eventos que giram em torno da segunda vinda de Jesus. Digo “fim” entre aspas por que, como veremos, o conceito não é de fim do mundo ou da história mas o fim da presente ordem da realidade como a conhecemos, moldada pelo pecado.

O evento mais importante na escatologia cósmica é o fato amplamente amparado nas Escrituras de que o Senhor Jesus, que veio como Servo humilde para morrer em nosso lugar em sua primeira vinda (Advento), voltará como um Rei triunfante para estar com os seus e inundar a criação com o Reino de Deus em sua segunda vinda. A segunda vinda de Jesus é bastante conhecida em teologia pelo termo “Parousia”, termo que significa “presença” ou “vinda”. Este termo é um dos três termos mais utilizados pelos autores do NT para se referir a volta de Jesus, ao lado de “Apokalypsis” e “Epiphaneia”.³

Inúmeros textos deixam claro que Jesus voltará: Mt 16.27, Mc 14.62, Mt 24.42, Lc 21.28, At 1.11, 1Ts 5.2, Fp 4.5, 1Co 4.5, Hb 9.28, além de considerável parte do material de Apocalipse. A questão é que a Parousia, em um dado sentido não é apenas mais um evento na história universal, mas o evento tendo em vista que por ocasião do retorno de Jesus será concluído plenamente o plano de salvação do Eterno: Criador e criatura voltarão a desfrutar de um relacionamento pessoal e íntimo como na criação, sem a desconexão do pecado e sem os efeitos do mesmo. Toda a criação será redimida e todos os efeitos da queda apagados. Não é a toa que na perspectiva de vários autores do NT a esperança da Parousia é uma das marcas do verdadeiro cristão, tendo em vista que esta expectativa nos leva a viver uma vida de piedade e nos deixa conscientes de que vivemos entre o “já” e o “ainda não” do Reino.⁴

Os textos a respeito da Parousia deixam claro que a volta de Jesus será uma volta pessoal, física, visível a todos, inesperada e repentina, além de triunfante e gloriosa.⁵ No entanto, quando lemos alguns textos escatológicos, outros elementos além da Parousia começam a surgir na paisagem e é justamente aí que começam a surgir as diferentes linhas escatológicas.

Milênio

A primeira questão que temos de tratar é: qual é o sentido do milênio conforme apresentado no texto de Apocalipse 20.1-7 e qual é a sua relação com a volta de Cristo? A primeira linha de interpretação do milênio que se tornou expressiva na história da igreja foi o Pré-Milenismo, uma concepção que foi dominante nos três primeiros séculos da igreja e que voltou a ganhar força recentemente impulsionada pelo dispensacionalismo.⁶ Na visão do Pré-Milenismo a Parousia inicia o Milênio que é interpretado de forma literal, de maneira que o reinado de Cristo com os eleitos será de forma física.

A segunda linha é o Amilenismo, que também esteve presente de nos primeiros séculos da igreja, sendo que alguns autores argumentam que essa seria a posição de Agostinho, João Calvino e Benjamim Warfield.⁷ Na visão do Amilenismo o milênio não deve ser interpretado literalmente mas como um símbolo do período do “já” e “ainda não” entre a primeira a segunda vindas de Cristo. O reinado milenar é compreendido como sendo o período no qual os crentes que

¹ ERICKSON, Millard J. *Introdução a Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1997, p.483

² MCGRATH, Alistair. *Teologia sistemática, histórica e filosófica*. São Paulo, Shedd Publicações, 2005, p.623,624

³ ERICKSON, Millard J. *Introdução a Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1997, p.498,499

⁴ HOEKEMA, Anthony A. *A Bíblia e o futuro*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p.147,153

⁵ ERICKSON, Millard J. *Introdução a Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1997, p.497-499

⁶ ERICKSON, Millard J. *Introdução a Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1997, p.512

⁷ ERICKSON, Millard J. *Introdução a Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1997, p.515

já dormiram em Cristo estão com Cristo e com Ele reinam, enquanto a igreja que permanece na terra milita a obra do Evangelho aqui na terra, de maneira que tanto há um reinado da igreja quanto a tribulação descritos em diversas passagens. O Amilenismo também espera a pregação do Evangelho a todas as nações, o cumprimento da profecia do retorno de Israel bem com um período intensificado de tribulação, o levante do Anticristo e outros eventos que seriam sinais dos finais dos tempos que culminam na volta de Jesus, um evento único.⁸ É a opção mais simples, na qual o Milênio é visto como o período entre o Advento e Parousia.

A terceira linha é o Pós-Milenismo. Esta linha remonta ao século IV e teria sido formulada originalmente por Ticônio, teólogo donatista do norte da África. Recentemente esta linha ressurgiu com força considerável no séc. XIX, impulsionado pelo liberalismo teológico. A perspectiva do Pós-Milenismo é que o Milênio não deve ser compreendido de maneira literal, mas diz respeito ao período em que Cristo reina de forma não física por meio da pregação do Evangelho por meio da igreja após a primeira vinda e antes da segunda vinda. Dessa forma, na visão de Pós-Milenistas o Reino de Deus vai ser implantado aqui e agora por meio da pregação do Evangelho. De maneira gradual e com idas e vindas devidos aos reveses, o Reino será implantado de forma que as nações se converterão a Cristo e então o Senhor voltará. O Milênio, portanto, é um período de reinado de Cristo, embora ausente fisicamente, através da pregação do Evangelho.

A questão importante a ser colocada aqui é o fato de que o Milênio não aparece em nenhum outro lugar das Escrituras a não ser em Apocalipse 20. Erickson demonstra que o sentido do número mil no texto parece passar a noção de uma completa e definitiva vitória de Jesus tanto sobre o pecado como sobre Satanás, e não necessariamente um período de tempo, mantendo a coerência com uma interpretação simbólica do livro como um todo.⁹

Dispensacionalismo

Para Pós-Milenistas e para Amilenistas a Parousia é um evento único, que ocorre em um só lance. Contudo, dentro do Pré-Milenismo temos duas linhas diferentes: um Pré-Milenismo Histórico (Não Dispensacionalista) e um Pré-Milenismo Dispensacionalista.

O Dispensacionalismo “deriva seu nome de sua compreensão acerca da existência de uma série de ‘dispensações’ [...] na história da salvação”.¹⁰ Deus teria agido com a humanidade dentro de determinadas “dispensações”, ou seja, blocos de tempo distintos nos quais Deus fez diferentes alianças com o homem. Enquanto a Teologia Reformada só distingue duas alianças, a das Obras e a da Graça, o dispensacionalismo acredita que Deus celebrou sete alianças em sete dispensações: Período da Inocência (Criação a Queda), Período da consciência (Queda a Dilúvio), Período do Governo Humano (Dilúvio a Abraão), Período da Promessa (Abraão a Moisés), Período da Lei (Moisés a Cristo), Período da Igreja (Ressurreição até o presente) e Período do Milênio.¹¹ Este posicionamento iniciou-se com John Nelson Darby (1800-1882) mas teve em C. I. Scofield (1834-1921) seu grande expoente, especialmente por causa da “Bíblia de Estudo Scofield”, uma Bíblia de estudo dispensacionalista. Para os dispensacionalistas, não há qualquer continuidade entre Israel e a igreja, de maneira que ambos são entidade completamente separadas.

Para o Pré-Milenismo Histórico, em alguns lugares reconhecido como pós-tribulacionista, afirma que a volta de Jesus será um evento único após a tribulação, público a todos, pessoal, física e visível a todos os olhos humanos. Neste evento teríamos a volta de Jesus e instalação do período de um governo terreno de mil anos, ainda sem a glorificação total dos crentes e com Satanás preso. Ao final dos mil anos, Satanás será solto, haverá a batalha final e apenas após isso a glorificação dos vivos, a ressurreição dos mortos, o juízo final e a redenção da criação seguida de eternidade.¹²

Já para o Pré-Milenismo Dispensacionalista, conhecido como pré-tribulacionista, afirma que haverão duas vindas de Jesus. A primeira como uma vinda secreta, apenas para a igreja, na qual o Senhor iria arrebatar os crentes vivos e os crentes ressurretos para dar início a uma festa com eles nos céus e simultaneamente dar início a grande tribulação. Apenas após a grande tribulação, que seria um período do governo do Anticristo da qual a igreja é livrada pelo arrebatamento, Jesus voltaria com a sua igreja, entraria em uma batalha contra as hostes malignas no Armagedom e daria início a um milênio de governo de paz que seria seguido dos eventos do juízo final, a redenção da criação e a eternidade.¹³

A idéia de um arrebatamento dos crentes é apoiada em algumas poucas passagens, especialmente 1Ts 4.16,17, a qual não é clara sobre um arrebatamento pré-tribulação ou sobre os sete anos com o Senhor nas bodas. Além disso, há passagens que deixam claro que a igreja, bem como toda a humanidade, passará pela tribulação (Mt 24.9,31; 2Ts 2) e que a vinda de Jesus será tanto para quanto com a igreja (1Ts 3.13,14).¹⁴

⁸ HOEKEMA, Anthony A. *A Bíblia e o futuro*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p.207

⁹ ERICKSON, Millard J. *Introdução a Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1997, p.516

¹⁰ MCGRATH, Alister. *Teologia sistemática, histórica e filosófica*. São Paulo, Shedd Publicações, 2005, p.637

¹¹ MCGRATH, Alister. *Teologia sistemática, histórica e filosófica*. São Paulo, Shedd Publicações, 2005, p.637

¹² HOEKEMA, Anthony A. *A Bíblia e o futuro*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p.215,216

¹³ HOEKEMA, Anthony A. *A Bíblia e o futuro*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p.196,197

¹⁴ HOEKEMA, Anthony A. *A Bíblia e o futuro*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p.147,153